

23

O D E
ALLEGORICA
NA FELICISSIMA ACCLAMAÇÃO
D A
RAINHA
NOSSA SENHORA,
PELO DOUTOR
MANOEL FRANCISCO DE CARVALHO,

Medico do Curativo da Cidade de Evora.

V

EM já, ditozo dia,
E sobre Portugal benigno espalha
A rizonha alegria:
Naõ precisamos já de escudo, ou malha:
A bella idade de ouro outra vez torna,
E d'oliveira o Luzo a frente adorna.
Já vemos dissipada
A escuridaõ horrenda, que cubria
A concava, e azulada
Face dos Ceos; e o vento, que bramia;
E as Neptunas ondas açoitava,
Já quebrou sua furia horrenda, e brava,

A iv

Já

Já da perversa estrella

Deraõ fim os influxos empestados;

Já brilha a face bella

Dos outros astros, d'antes eclypsados;

E já o Orião mortifero, e chuvozo

Foge do Sol benigno, e luminoso.

Já livres de temores

Cantaõ ao doce som da tente arêa

Os rusticos pastores;

E a Driade, Hemadrude, e Napea,

Já sem temor do Satyro lascivo

Mostraõ no rosto hum jubilo excessivo.

Já se vê d'herva cheio

O valle d'antes secco: o manso gado

Já pasce sem receio

Do lobo roubador: já reclinado

A sombra d'azinheira, na floresta

Sem susto passa o caminhante a festa.

O ledo passarinho

Já livre da prizaõ gostozo voa:

Já d'hum n'outro raminho

Ligeiro falta, e canticos entoa

A'quella mão, que cheia de piedade

Lhe quiz dar a perdida liberdade.

Já na herba humida, e fria

Se não esconde a cobra tortuoza;

E a terra já não cria

A zizania, e a cicuta venenoza;

Antes ao lavrador, que a trata amigo,

Dá com mão liberal o louro trigo.

Os rios da abundancia

Já verte sobre nós o Sol fecundo.

Das flores a fragrancia

Corrige do ar nocivo o halito immundo.

Murmura a humilde fonte, secca d'antes,

E do Ceo chovem aguas abundantes.
 Já se ri a campina,
 Ri-se a floresta, o monte, o valle, o prado:
 Aqui brota a bonina,
 Alli o lirio, e o bem me quer dobrado;
 E o cardo, que fazia a tudo guerra,
 Já sem agudas pontas beija a terra.

Mas flores ás mãos cheias
 Sobre o Throno espalhai, Nynfas formozas.
 Corraõ as claras veias

Da Caballina. As Tagides graciosas
 Deixando as suas humidas moradas,
 Venhaõ de mil conchinhas adornadas;
 E sobre as espumozas

Ondas do claro Pai, c'o as Graças bellas
 Teçaõ danças vistozas,
 Dignas do grande objecto, e dignas dellas;
 E as Deozas filhas da immortal Memoria
 Cantem do Luzo Imperio a angusta gloria.

Que assumpto mais gloriozo,
 Mais nobre, mais plauzivel, e mais digno
 Do coro armoniozo
 Que huma Rainha pia, hum Rei benigno,
 Que dos fiéis vassallos adorados

Por gloria, amor, e lei saõ acclamados?
 Que huns Principes, que fazem
 Do seu povo a delicia suspirada,
 Que promovem, que trazem

Comfigo a rectidaõ, e a paz dourada;
 E cujos coraçõens formados foraõ
 Pelas virtudes, que em seus peitos moraõ:

Que attentos á indigencia
 Dos subditos fiéis, com maõ benigna
 Mostraõ beneficencia

Sem vangloria: que da ambiçaõ indigna

Detestando os effeitos, são piedozos
Reis, ternos Pais, amigos generozos:

Que prudentes resolvem,
E o bom merecimento patrocinao:

Que promptamente absolvem,
E com vagar condemnao: que abominao
A balança, que peade mais do lado
Do rico indigno, que do pobre honrado:

Que a gloria do governo
Naõ fazem consistir na prepotencia;

Mas no singelo, eterno
Amor de seus vassallos: que obediencia
Querem delles, mas tal, como o respeito
De hum bom filho á hum benigno Pai sujeito:

Ah? que eu por elles vejo
Mil Luzitanas quilhas ir sahindo

Da foz do claro Tejo;
E com aguda proa o mar abrindo,
Deixar a traz de si longas estradas
De branca, e leve espuma separadas.

Por elles do Oceano
Será senhor o Tejo respeitavel;

E o forte Luzitano
Justo na paz, na guerra formidavel,
Ainda além das novas Filippinas
Fará brilhar as Portuguezas Quiaas.

NA FAUSTÍSSIMA,
E GLORIOSÍSSIMA
ACCLAMAÇÃO
DA
RAINHA
NOSSA SENHORA.



ODE.

Vão-se as nuvens rasgando; os horizontes
Já com feias carrancas não se abafaõ;
Viçosa verdejante Primavera

Os campos desenluta;

Já das arvores as flammulas de flores
Tremolão pelos cumes empinados,
Sopra o Favonio recendente aroma

Nos prados, que bafeja.

Do Throno Meridiano torvo, e negro,
Donde as borrafcas tetricas mandava,

Def-

Desalojou ao Austro o Aquilão claro
Com forçolas refregas.

A formosa Aphrodites toma posse
Do vegetante Imperio, aquece, anima
Os prolificos gomos renascentes
Nos morbidos casulos.

Os dous filhos de Leda em laço estreito
Symbolizando a amante Natureza,
Presidem auspiciosos aos matizes
Dos fazonandos frutos.

A tomar nova posse do seu Reino
Pelas portas de Lysia entra, trazendo
No verde Thyrsos os cachos balançando
O triunfante Baccho.

As sacrosantas Leis, inda molhadas,
Salva Lycurgo do infeliz naufragio;
Recolhe-as em chapeado, e rico cofre,
Até que refuscitem.

Fecha-se o Templo do bifronte Jano;
E a furibunda Guerra afferrolhada
Nos escuros Abyssos, em vão freme
Ameaçando aos mortaes.

Mas

Mas ah novo prodigio! Alta Heroína
Derriba, fere, mata os torpes vicios,
Que os pullulantes tumidos pescoços
Renovar pertendião.

Ao fatal estridor Lyfia levanta
A dourada cabeça; que em seu feio
Já se entornão do Ceo graças perennes,
Que a Terra fertilizão.

Aqui brota a Abundancia, alli renascem
A candida Innocencia, a sã Justiça;
E a formosa Alegria reverbera
No semblante dos Lusos.

Cubrindo o Throno co' a immortal Egide,
As sabias novas Leis Minerva inspira
A' Magnanima Augustissima MARIA,
E a PEDRO, novo Tito.

Em quanto a Deosa alígera levando
A's remotas Nações o Nome, e a gloria
Da feliz Lusitania, ao Mundo todo
Motiva honrosa Inveja.

Mas em novo procelo? Atira a terra
Deixa, fere, mata os torpes vícios,
Que os pullantes unidos peçoços
Renovar pretendão. *Alto*

Do fatal estido Lyris levam
A guarda caber; que em seu seio
A se entomão do Coo gracas pternes,
Que a Terra fertilizava sob o

Aqui brota a Abundancia, ali renasce
A candida Inocencia, e a Justica;
E a formosa Alegria revolve
No remanso das Lutas.

Cubindo o Throno co' a immortal Egidie,
As sabias novas leis Minerva inspira
A Magnanima Augustissima Maria,
E a Pátria, novo Throno

Emquanto a Deosa allegria levando
As remotas Nações o Nome, e a gloria
Da felix Lusitania, ao Mundo todo
Morrer honora inveja, e

Alto